

VOZES EM DEBATE: REPERCUSSÕES ENTRE USUÁRIOS DAS PERFORMANCE CORPORAIS E DISCURSIVAS DE RITA VON HUNTY NO CANAL TEMPERO DRAG

VOICES IN DEBATE: REPERCUSSIONS AMONG USERS OF RITA VON HUNTY'S BODILY AND DISCURSIVE PERFORMANCES ON THE TEMPERO DRAG CHANNEL

VOIX EN DÉBAT: RÉPERCUSSIONS CHEZ LES UTILISATEURS DES PERFORMANCES CORPORELLES ET DISCURSIVES DE RITA VON HUNTY SUR LA CHAÎNE TEMPERO DRAG



<https://doi.org/10.56238/arev7n10-007>

Data de submissão: 03/09/2025

Data de publicação: 03/10/2025

Thiago Coelho de Santana

Doutor em Educação

Instituição: Universidade Federal da Bahia (UFBA)

E-mail: thiago.coelho@ifsertao-pe.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1695-3087>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9326960560244918>

Edvaldo Souza Couto

Doutor em Educação

Instituição: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

E-mail: edvaldo@ufba.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2648-9399>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0777871871325302>

RESUMO

Rita Von Hunty é uma drag queen brasileira, autora do canal "Tempero Drag" no YouTube, onde aborda temas como política, filosofia, sociologia e história, com destaque para as questões de corpo(s), gênero(s) e sexualidade(s). O canal fomenta uma comunidade ativa e engajada, destacando sua influência na educação e na transformação social. Nesse contexto, o objetivo do artigo foi analisar as repercussões dos seguidores do canal "Tempero Drag" sobre um conjunto de vídeos de Rita Von Hunty entre os anos de 2021 e 2022. O método utilizado foi o qualitativo, de cunho descritivo e analítico, utilizando uma estratégia metodológica de observação não participante. Os dados foram coletados a partir de 13 vídeos com mais de 400 mil visualizações. A técnica de análise utilizada foi a análise cultural, e foram analisadas as repercussões entre usuários das performances corporais e discursivas de Rita Von Hunty, com ênfase nas temáticas de (1) corpo(s), gênero(s) e sexualidade(s), (2) LGBTfobia, (3) heterocisnatividade e misoginia e (4) controle dos corpos e biopoder. O YouTube é um espaço crucial para a ação política de grupos marginalizados, como a população LGBTQIAPN+, devido à visibilidade e comunicação que oferece. Suas performances corporais e discursivas são elogiadas por tornar tópicos complexos acessíveis e por aumentar a conscientização social. A presença de Rita como drag queen promove empoderamento e representação LGBTQIAPN+, desafiando estereótipos. Seu trabalho inspira espectadores a buscar mais conhecimento e a engajar-se em discussões críticas. Nos comentários dos vídeos, os usuários expressam opiniões que refletem significados compartilhados, mas que nem sempre são logicamente fundamentadas. Analisar essas interações é essencial para entender os sujeitos que participam, comentam e dialogam na plataforma.

Palavras-chave: Pedagogias Culturais. Corpo, Gênero e Sexualidade. Performances Discursivas. Rita Von Hunty. Canal Tempero Drag.

ABSTRACT

Rita Von Hunty is a Brazilian drag queen and creator of the YouTube channel "Tempero Drag", where she addresses topics such as politics, philosophy, sociology and history, with an emphasis on issues of body(ies), gender(s) and sexuality(ies). The channel fosters an active and engaged community, highlighting its influence on education and social transformation. In this context, the objective of this article was to analyze the repercussions of the followers of the "Tempero Drag" channel on a set of videos by Rita Von Hunty between 2021 and 2022. The method used was qualitative, descriptive and analytical, using a methodological strategy of non-participant observation. Data were collected from 13 videos with more than 400 thousand views. The analysis technique used was cultural analysis, and the repercussions among users of Rita Von Hunty's bodily and discursive performances were analyzed, with an emphasis on the themes of (1) body(ies), gender(s) and sexuality(ies), (2) LGBTphobia, (3) heterocisnormativity and misogyny, and (4) control of bodies and biopower. YouTube is a crucial space for political action by marginalized groups, such as the LGBTQIAPN+ population, due to the visibility and communication it offers. Her bodily and discursive performances are praised for making complex topics accessible and for raising social awareness. Rita's presence as a drag queen promotes LGBTQIAPN+ empowerment and representation, challenging stereotypes. Her work inspires viewers to seek more knowledge and engage in critical discussions. In the comments of the videos, users express opinions that reflect shared meanings, but which are not always logically founded. Analyzing these interactions is essential to understand the subjects who participate, comment and dialogue on the platform.

Keywords: Cultural Pedagogies. Body, Gender and Sexuality. Discursive Performances. Rita Von Hunty. Tempero Drag Channel.

RESUMEN

Rita Von Hunty est une drag queen brésilienne, auteur de la chaîne "Tempero Drag" sur YouTube, où elle aborde des sujets tels que la politique, la philosophie, la sociologie et l'histoire, en mettant l'accent sur les questions de corps(s), de genre(s) et de sexualité. (s). La chaîne favorise une communauté active et engagée, soulignant son influence sur l'éducation et la transformation sociale. Dans ce contexte, l'objectif de l'article était d'analyser les répercussions des adeptes de la chaîne "Tempero Drag" sur un ensemble de vidéos de Rita Von Hunty entre les années 2021 et 2022. La méthode utilisée était qualitative, descriptive et analytique, utilisant une stratégie méthodologie d'observation des non-participants. Les données ont été collectées à partir de 13 vidéos avec plus de 400 000 vues. La technique d'analyse utilisée était l'analyse culturelle, et les répercussions entre les utilisateurs des performances corporelles et discursives de Rita Von Hunty ont été analysées, en mettant l'accent sur les thèmes du (1) corps(s), genre(s) et sexualité(s). , (2) LGBTphobie, (3) hétérocisnormativité et misogynie et (4) contrôle des corps et biopouvoir. YouTube est un espace d'action politique crucial pour les groupes marginalisés, comme la population LGBTQIAPN+, en raison de la visibilité et de la communication qu'il offre. Ses performances corporelles et discursives sont saluées pour rendre accessibles des sujets complexes et pour sensibiliser la société. La présence de Rita en tant que drag queen favorise l'autonomisation et la représentation LGBTQIAPN+, remettant en question les stéréotypes. Son travail incite les spectateurs à rechercher davantage de connaissances et à s'engager dans des discussions critiques. Dans les commentaires vidéo, les utilisateurs expriment des opinions qui reflètent des significations partagées, mais qui ne sont pas toujours logiquement fondées. L'analyse de ces interactions est essentielle pour comprendre les individus qui participent, commentent et dialoguent sur la plateforme.

Palabras clave: Pédagogies Culturelles. Corps, Genre et Sexualité. Performances Discursives. Rita Von Hunty. Canal Temporo Drag.

1 INTRODUÇÃO

A cibercultura representa tanto a infraestrutura tecnológica quanto os indivíduos que, conectados, navegam no vasto universo da informação. Ela compreende um conjunto de técnicas, práticas, atitudes, comportamentos, valores e pensamentos que são desenvolvidos coletivamente no ciberespaço (Lévy, 1999). A cibercultura acelera a circulação dos sujeitos em vitrines virtuais (Couto; Souza; Nascimento, 2013).

As reflexões acerca da maneira como a audiência de canais do YouTube se expressa por meio de comentários nas caixas de comentários dos vídeos postados na plataforma vão além da suposição de uma massa heterogênea de receptores. É necessário compreender a conjuntura cultural (ou cibercultural) para, com mais propriedade, aproximarmo-nos desses sujeitos que são os comentaristas de vídeos. Tal análise se justifica pela dimensão performática que esses indivíduos assumem ao marcarem posição, frequentemente acionada por supertemas. Portanto, quem são essas pessoas que ocupam as caixas de comentários no YouTube? (Coruja, 2020).

Diante do exposto, o problema de pesquisa deste artigo é “**como as performances corporais e discursivas de Rita Von Hunty no canal “Tempero Drag” impactam a percepção dos usuários em relação às temáticas de corpo(s), gênero(s), sexualidade(s) e biopoder, e de que maneira essas interações influenciam o debate crítico sobre LGBTfobia, heterocisnormatividade e misoginia entre os seguidores do canal?**”. Esse problema busca investigar o efeito das discussões promovidas por Rita Von Hunty sobre a conscientização social, especialmente no contexto das relações de poder sobre corpos e identidades marginais.

Na perspectiva dos Estudos Culturais, o objetivo do artigo foi analisar as repercussões dos seguidores do canal “Tempero Drag” sobre um conjunto de vídeos de Rita Von Hunty entre os anos de 2021 e 2022. Ressalta-se que, o conjunto de vídeos foi analisado com base em uma investigação empírica a fim de repensar as relações existentes entre corpo(s), gênero(s) e sexualidade(s). Ademais, durante a pesquisa, foram abordados quatro temas principais: (1) corpo(s), gênero(s) e sexualidade(s), (2) LGBTfobia, (3) heterocisnormatividade e misoginia; e (4) controle dos corpos e biopoder. O método usado para a pesquisa foi o qualitativo, de cunho descritivo e analítico, sendo caracterizado como um estudo de caso. A estratégia metodológica utilizada para a produção e análise de dados foi o da observação não participante e os dados foram analisados por meio da análise cultural.

2 APORTES TEÓRICOS

A cultura permeia todos os aspectos da vida, sendo central nas ações e subjetividades cotidianas (Hall, 2016; Williams, 2011). Nesse contexto, emergem as Pedagogias Culturais, que utilizam redes

digitais como espaços de aprendizagem, moldando modos de subjetivação em diferentes esferas sociais (Souza; Couto, 2022). No campo dos Estudos Culturais e das Pedagogias Culturais, a cibercultura ganha relevância ao atuar como um espaço essencial para a disseminação de conhecimento e a formação de práticas pedagógicas significativas (Lima; Couto; Silva, 2020).

A cibercultura abrange a produção cultural e os fenômenos sociotécnicos resultantes da interação entre humanos e tecnologias digitais, criando redes educativas e espaços plurais de aprendizagem (Porto *et al.*, 2015). O YouTube, como uma plataforma digital relevante, destaca-se por facilitar tanto performances discursivas quanto a interação do público, especialmente nas caixas de comentários, sendo o segundo site mais acessado globalmente (Velho; Mendes; Azevedo, 2020). Nessas plataformas, as interações dos usuários refletem disputas culturais e políticas, com performances públicas que, consensuais ou polêmicas, são sempre visíveis e contextualmente significativas (Coruja, 2020).

Nesse contexto, a autora explica que duas posições antagônicas se destacam: *Adoradores*, que elogiam a/o youtuber e o conteúdo das postagens, e *Haters*, que costumam usar xingamentos em seus comentários. Além disso, identifica-se a presença de *Autodivulgadores*, que utilizam os comentários para promover seus próprios canais; *Críticos*, que expressam oposição ao conteúdo dos vídeos ou a/o youtuber; e *Opinativos*, que podem concordar ou discordar, complementando as informações apresentadas.

Coruja (2020) argumenta que as performances do público nas caixas de comentários do YouTube não são estáticas, podendo se modificar com cada resposta ou interação, seja com a/o youtuber ou com outros espectadores. Algumas dessas performances revelam uma predisposição ao diálogo, dependendo da maneira como são interpelados por outros participantes.

Se faz necessário esclarecer que os comentários publicados em cada vídeo são discursos, e que tais discursos são uma prática social que vão além do texto em si. É a utilização da linguagem em contextos específicos, considerando aspectos culturais, sociais e ideológicos. O discurso está relacionado com a intenção do falante ou escritor, a situação comunicativa e as relações de poder envolvidas. O discurso, segundo Foucault (2014a), não é simplesmente uma maneira de expressar pensamentos, mas uma prática que produz conhecimento e poder. Em sua obra “*A Ordem do Discurso*”, ele explora como os discursos são formados, regulamentados e controlados pelas estruturas de poder na sociedade.

Foucault (2014a) define o discurso como um conjunto de práticas que sistematicamente formam os objetos de que falam. O discurso não é apenas um modo de comunicação, mas uma prática

que constrói e é construída por relações de poder e conhecimento. Ele investiga como os discursos são regulados e controlados, estabelecendo normas sociais e moldando nossa compreensão do mundo.

Coruja (2020) identifica algumas práticas das pessoas que fazem comentários em postagens nas redes sociais: Partilha, Associação, Comprometimento, Diálogo e Juízo. **1) Partilha:** os sujeitos compartilham suas próprias histórias relacionadas ao tema do vídeo; **2) Associação:** utilizam os comentários para apoiar as opiniões uns dos outros; **3) Comprometimento:** explicam pontos dos vídeos que não ficaram claros para outros sujeitos; **4) Diálogo:** envolvem-se em discussões sobre um mesmo tema; **5) Juízo:** exercem críticas aos vídeos e às opiniões de outros sujeitos.

Os comentários em vídeos são considerados discursos, que são práticas sociais que vão além do texto, envolvendo contextos culturais, sociais e ideológicos. O discurso relaciona-se com a intenção do autor, a situação comunicativa e as relações de poder. Segundo Foucault (2014a), o discurso é uma prática que produz conhecimento e poder. Em *"A Ordem do Discurso"*, ele analisa como os discursos são formados, regulados e controlados pelas estruturas de poder, definindo-os como práticas que constroem e são construídas por relações de poder e conhecimento, estabelecendo normas sociais e moldando a compreensão do mundo.

Foucault (2014a) identifica vários mecanismos de exclusão que regulam os discursos: **1) Censura:** governos, instituições religiosas e outras autoridades suprimem discursos considerados ofensivos ou subversivos. **2) Estigmatização:** discursos são rotulados como desviantes ou indesejáveis, marginalizando as vozes associadas. **3) Normalização:** estabelece padrões de comportamento e pensamento considerados normais, excluindo os não conformes. **4) Seleção Institucionalizada:** instituições como escolas e universidades determinam quais discursos são válidos, moldando o conhecimento e a perspectiva dos indivíduos. **5) Silenciamento e Marginalização:** grupos sociais são deliberadamente ignorados ou sub-representados no discurso público, perpetuando desigualdades estruturais.

As análises de Foucault (2014a; 2014b) são fundamentais para entender que o discurso opera como um mecanismo de controle social. Ele nos desafia a pensar criticamente sobre a produção e disseminação do conhecimento, e como as estruturas de poder moldam nossas percepções e experiências.

No contexto cibercultural, se faz necessário trazer algumas definições para uma melhor compreensão sobre o conteúdo presente em determinados comentários/discursos em postagens em redes sociais, tais como: *"discurso hegemônico"*, *"guerra cultural"*, *"retórica do ódio"*, *"anti-intelectualismo"*, *"reacionarismo"*, *"mentalidade de seita"* e *"doutrinação das escolas"*.

O **discurso hegemônico** é a narrativa dominante em uma sociedade, mantida por instituições como mídia e educação, que estabelece normas refletindo os interesses dos poderosos, marginalizando discursos alternativos (McKeil, 2023; Rezende; Ostermann, 2020). A **guerra cultural** é a disputa ideológica entre grupos sociais polarizados por questões culturais, como identidade e gênero, com impacto em leis e políticas públicas, muitas vezes envolvendo censura e preconceitos (Melo; Vaz, 2021; Hunter; Zanon, 2022). A **retórica do ódio**, presente em discursos políticos e sociais, incita intolerância, gerando discriminação e violência, e precisa ser combatida por meio de educação e comunicação inclusiva (Barendt, 2019; Pukallus; Arthur, 2024).

Barendt (2019) considera o discurso de ódio performativo, pois não só transmite ideias prejudiciais, mas realiza atos que comprometem a segurança e dignidade, sendo inherentemente prejudicial. A **mentalidade de seita** envolve uma adesão rígida a uma ideologia ou líder, com isolamento e desconfiança de informações externas, o que pode levar a comportamentos extremos, como a violência (Rocha, 2023). O **reacionarismo** refere-se à oposição ao progresso social e político, buscando restaurar valores do passado, frequentemente ligados a ideologias conservadoras e autoritárias, como observado no contexto brasileiro com tentativas de retorno à ditadura militar (Rocha, 2023; Souza, 2023).

O **anti-intelectualismo** envolve a rejeição da inteligência, conhecimento e educação, manifestando-se como desconfiança na ciência e intelectuais, e promovendo a ignorância. Motivado por medo da mudança, nacionalismo extremo e obscurantismo religioso, pode resultar na disseminação de desinformação e enfraquecimento educacional (Thompson, 2022; Sidky, 2023). A "**doutrinação**" nas escolas refere-se à alegação de imposição de ideologias, frequentemente usada em debates conservadores. O movimento "**Escola Sem Partido**" (ESP) visa combater essa suposta **doutrinação**, especialmente em questões de diversidade sexual e de gênero, refletindo tendências conservadoras e reacionárias (Castro; Coura, 2022).

Diante do exposto, Rita Von Hunty é uma figura proeminente no cenário cultural brasileiro, reconhecida por seu trabalho como *drag queen*, performer e criadora de conteúdo no canal "Tempero Drag" no YouTube. Seu conteúdo, que integra performances corporais e discursivas, abrange temas complexos como política, filosofia, sociologia e história de maneira acessível e envolvente, com destaque para questões como corpo(s), gênero(s) e sexualidade(s). Muitos usuários elogiam sua habilidade em tornar tópicos difíceis em abordagens compreensíveis, promovendo a conscientização social e o engajamento cívico. Seus vídeos inspiram espectadores a buscar mais conhecimento e engajar-se em discussões críticas sobre a sociedade, com comentários destacando a motivação proporcionada por suas performances e discursos (Tempero Drag, 2024).

ISSN: 2358-2472

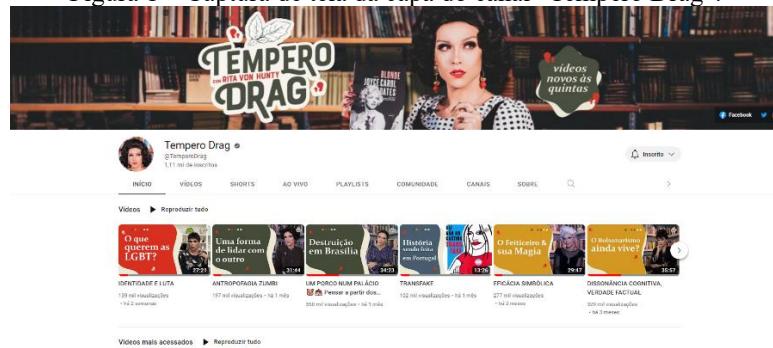
A presença de Rita como *drag queen* é celebrada por muitos usuários do canal por empoderar e representar a comunidade LGBTQIAPN+, desafiando estereótipos e promovendo a diversidade. No entanto, como qualquer figura pública que aborda temas polêmicos, ela enfrenta críticas e discordâncias que geram debates acalorados. O canal "Tempero Drag" fomenta uma comunidade ativa e engajada, onde seguidores participam de discussões, compartilham experiências e apoiam-se mutuamente, criando um espaço de troca de ideias e crescimento mútuo. Essas repercussões evidenciam a influência significativa de Rita Von Hunty e seu canal na esfera digital, destacando a importância das performances corporais e discursivas como ferramentas de educação e transformação social (Tempero Drag, 2024).

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

O método usado para a pesquisa foi o **qualitativo**, de cunho **descritivo e analítico** (Minayo, 2017), sendo caracterizado como um **estudo de caso** (Gil, 2022). A **estratégia metodológica** utilizada para a produção e análise de dados foi o da **observação não participante** (Johnson, 2010; Marietto, 2018) que ocorreu entre os meses de setembro de 2022 e março de 2023, com o objetivo de analisar as repercussões dos seguidores do canal “Tempero Drag” sobre os vídeos da Rita Von Hunty. Os **dados** foram analisados por meio da **análise cultural**, descrita por (Moraes, (2016); Silveira; Meyer; Félix, (2019); Silva (2021)).

No que concerne ao campo empírico, ele foi formado por vídeos publicados no canal Tempero Drag¹ (**figura 1**) entre os anos de 2021 (37 vídeos) e 2022 (24 vídeos) e que abordam temáticas de corpo(s), gênero(s) e sexualidade(s).

Figura 1 – Captura de tela da capa do canal “Tempo Drag”.



Fonte: <https://www.youtube.com/@TemperoDrag>.

¹ <https://www.youtube.com/@TemperoDrag>

Ainda nesse contexto, cabe explicar que na tabulação inicial dos dados, fora realizado a identificação de 61 vídeos, com suas respectivas datas de publicação, número de visualizações, número de comentários e os seus respectivos links de acesso (dados computados até o dia 14 de fevereiro de 2023). Contudo, em virtude do extenso material foi realizada a seleção de 13 vídeos (**quadro 1 e figura 2**) por meio dos critérios de inclusão e exclusão para a pesquisa, sendo que os critérios de inclusão adotados foram à seleção dos vídeos com mais de 400 mil visualizações até a data supracitada. Já como critérios de exclusão, optou-se pela supressão dos vídeos que estivessem abaixo de 400 mil visualizações, o que resultou no quadro abaixo:

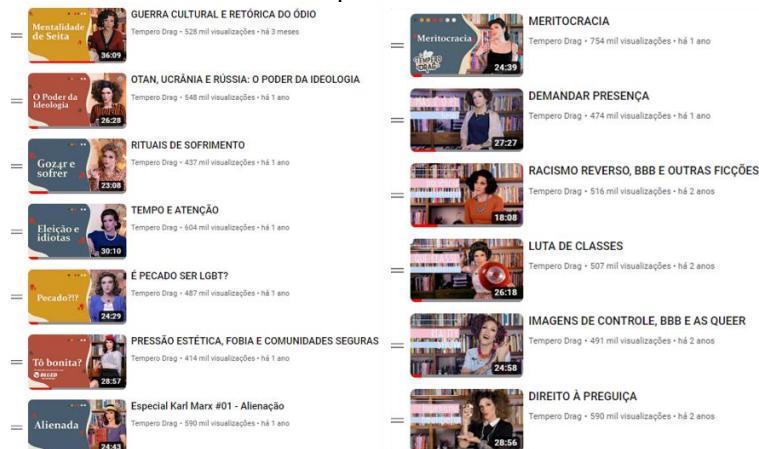
Quadro 1 - Vídeos do canal “Tempero Drag” (Rita Von Hunty) com mais de 400 mil visualizações entre 2021 e 2022.

Vídeos		Data	Número de comentários	Nº de Visualizações em 07/08/22	Link do vídeo
1	GUERRA CULTURAL E RETÓRICA DO ÓDIO	25/11/2022	2.493	517.728	https://www.youtube.com/watch?v=C1pxtNjLPVI&t
2	OTAN, UCRÂNIA E RÚSSIA: O PODER DA IDEOLOGIA	10/03/2022	3.268	543.129	https://www.youtube.com/watch?v=2CiLnUKPfrI&t
3	RITUAIS DE SOFRIMENTO	10/02/2022	2.358	434.251	https://www.youtube.com/watch?v=RsViBRORv3M&t
4	TEMPO E ATENÇÃO	27/01/2022	4.079	601.224	https://www.youtube.com/watch?v=pLoSHiuW0tM
5	É PECADO SER LGBT?	14/10/2021	5.376	481.098	https://www.youtube.com/watch?v=fQNJ-BD8A18
6	PRESSÃO ESTÉTICA, FOBIA E COMUNIDADES SEGURAS	18/06/2021	1.932	407.719	https://www.youtube.com/watch?v=R9IGh9pBh_M&t
7	ESPECIAL KARL MARX #01 - ALIENAÇÃO	13/05/2021	2.397	577.229	https://www.youtube.com/watch?v=4a4XBsaNTBQ&t
8	MERITOCRACIA	07/05/2021	3.605	714.842	https://www.youtube.com/watch?v=i55mUdLWM&t
9	DEMANDAR PRESENÇA	18/03/2021	2.980	472.837	https://www.youtube.com/watch?v=42CSBBBwDkQ&t
10	RACISMO REVERSO, BBB E OUTRAS FICÇÕES	04/03/2021	5.224	508.327	https://www.youtube.com/watch?v=TWAJEeIx8VY&t
11	LUTA DE CLASSES	18/02/2021	2.496	500.736	https://www.youtube.com/watch?v=jvPLD8gh7vi&t
12	IMAGENS DE CONTROLE, BBB E AS QUEER	04/02/2021	2.544	489.684	https://www.youtube.com/watch?v=OZO3XNIakN0&t
13	DIREITO À PREGUIÇA	14/01/2021	2.515	585.961	https://www.youtube.com/watch?v=JfejfTV5s8k&t

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Cabe ressaltar que, por meio da **figura 2**, é possível observar a capa de cada vídeo com seu respectivo título, bem como o tempo de duração individual.

Figura 2 – Captura de tela dos vídeos selecionados no canal “Tempero Drag” e o respectivo título, tempo de duração e capa do vídeo.



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Com base no narrado, o estudo consistiu em um processo de pesquisa que se desdobrou em **quatro** fases e foi autorizado por escrito pelo Guilherme Terreri. Ressalta-se que, embora não seja obrigatório obter uma autorização formal para a condução da pesquisa, dado que se baseia em material disponível em uma plataforma virtual de acesso público, a obtenção dessa autorização é justificada pela consideração dos cuidados éticos com a pesquisa, conforme as resoluções nº 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Na **primeira** fase, foram definidos o tema e o problema da pesquisa, bem como a plataforma a ser investigada e os critérios para a seleção dos vídeos a serem analisados. A **segunda** fase da pesquisa envolveu o trabalho de campo, que consistiu na identificação das temáticas abordadas em cada vídeo, na seleção de vídeos em um período pré-determinado e na avaliação de quatro tópicos principais, a saber: **(1)** corpo(s), gênero(s) e sexualidade(s), **(2)** LGBTfobia, **(3)** heterocisnormatividade e misoginia; e **(4)** controle dos corpos e biopoder. Todos os comentários presentes em cada vídeo foram lidos, e aqueles que abordavam as temáticas de interesse foram capturados por meio de “prints” e devidamente armazenados. Após a análise desses registros, foram selecionados os comentários mais representativos para compor a análise das temáticas abordadas. Este momento representou a etapa de registro e análise dos dados coletados, que visou resgatar o problema de pesquisa original, em conformidade com as premissas da análise cultural proposta (Moraes, (2016); Silveira; Meyer; Félix, (2019); Silva (2021)).

A **terceira** fase do estudo consistiu na elaboração da primeira versão da pesquisa, a qual confrontou os resultados empíricos com as premissas teóricas subjacentes ao tema. Ademais, nesta

fase foram formuladas as considerações finais acerca do estudo realizado. Por fim, a **quarta** e última fase do estudo, por sua vez, consistiu na revisão do texto e na elaboração final do artigo científico.

4 RESULTADOS E ANÁLISES

Para apresentar os resultados e interpretar o material empírico coletado sobre as repercussões entre os usuários das performances corporais e discursivas de Rita von Hunty no canal “Tempero Drag”, foram selecionados temas pertinentes, que foram então agrupados com os “prints” dos comentários/discursos postados nos vídeos. As temáticas incluem: **(1)** corpo(s), gênero(s) e sexualidade(s), **(2)** LGBTfobia, **(3)** heterocisnatividade e misoginia; e **(4)** controle dos corpos e biopoder.

5 CORPO(S), GÊNERO(S) E SEXUALIDADE(S)

Os discursos sobre corpo(s), gênero(s) e sexualidade(s) presentes nos comentários dos vídeos do canal “Tempero Drag” revelam as tensões e resistências que permeiam as discussões públicas sobre diversidade e identidades. Tais discursos, que muitas vezes refletem visões normativas e exclucentes, contribuem para a perpetuação de estruturas de poder que marginalizam e disciplinam corpos e identidades que se afastam das normas sociais hegemônicas, conforme demonstrado nos **quadros 1, 2 e 3**.

Quadro 1 – “Prints” dos comentários dos vídeos 1, 12 e 13.

 M	<p>@mestredouniverso3d612 há 1 ano (editado)</p> <p>@lidimaria1867 Desculpe..mas acho que é ele..mulher tem que tem ovário..uterio...vagina..essas coisas...</p> <p>  Responder</p>
 L	<p>@LilianaRufino2015 há 3 anos</p> <p>Fico confusa (O que de fato é a Rita? Uma personagem? Arte? Drag? Gênero? Travesti?)</p> <p>  Responder</p>

 @sayurinakamura7251 há 3 anos
 gente eu cheguei no canal agora ela é trans ou drag?

 1  Responder

 @eduuniterroot3286 há 3 anos
 @sayurinakamura7251 ela é drag! ❤

 6  Responder

 @eduuniterroot3286 há 3 anos
 @sayurinakamura7251 tem vídeo dela sem a "transformação" ❤

 4  Responder

 @estelamaridossantos2320 há 3 anos
 VC está fantasiado

  Responder

 @marcelow35 há 3 anos
 @sydnei5567 ,eu não vejo pelo lado da idolatria.Fato é,Rita Von Hunty, é uma drag queen,uma persona do Guilherme,antes de mais nada,um professor de Literatura e ex aluno da USP.
 Não por essas coisas ou fatos, mas estamos diante de uma pessoa esclarecedora, culta, como poucas que existem neste país.
 O que a Rita faz é uma atitude política,do jeito dela,da forma dela,mas é política, partir para defender pautas feministas e lgbtqia +, esclarecer o sistema opressor, as desigualdades de gênero,de raça,de valores entre pessoas e muito mais que isso.
 Mostrar menos

 26  Responder

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Quadro 2 – “Prints” dos comentários dos vídeos 10 e 12.

 @alexandrarosa6063 há 3 anos
 Não sofri veladamente nenhum preconceito (mas não entendia o que era isso, depois fui caindo em mim), mas, quando criança, minha professora enfiava a mão nos meus cabelos e perguntava se eu não tinha penteado os cabelos naquele dia. Ela não fazia isso com mais ninguém, só comigo. A coincidência é que não sou branca, sou negra dos cabelos cacheados. A primeira vez que meu segundo marido veio para minha cidade, passeando por um shopping de gente rica, vi como me olhavam, uma vez que meu marido é branco dos cabelos lisos. Quando eu constitui uma loja e trabalhava com ele, no mesmo horário, nenhum representante vinha me vender as coisas, passavam direto para oferecer a ele as mercadorias. Sou mulher, negra e casada com um homem branco. Uma vez, numa esquina com meu filho, que é branco leitoso, as pessoas passavam e me olhavam de forma estranha... Nunca parei para pensar sobre isso, mas meu filho ficou indignado... Só ele percebeu... era preconceito!

Mostrar menos



@cleversonluizgaissler8966 há 2 anos

Sou branco, hetero, de classe média... Estudei na Federal... Fora da realidade da maioria dos brasileiros... Só compreendi que "era racista" quando tive meu primeiro empreendimento, em um bairro pobre na era FHC... Vi o que é a fome, e as injustiças sociais... Hoje, luto para que meu país seja mais justo... Que nossos filhos possam ser o que eles quiserem!!! Em todos os sentidos... E que possam viver dignamente, com suas escolhas... **#DonaRita** você é hoje uma das pessoas mais admiráveis.... Obrigado por colocar uma luz no fim de nosso túnel!!!

[Mostrar menos](#)

6 Responder



@BrenoBussi há 3 anos

Minha mãe concordou com o papo de racismo reverso e eu não sabia muito bem como explicar que isso não existe. Agora eu tenho uma base. Brigado, tia Rita

144 Responder



@laissamaximo há 3 anos

Esse vídeo me fez pensar que quando descobri seu canal, a alguns anos atrás através da Sabrina Fernandes. Me deu conta que mesmo me considerando "super desconstruída" no quesito gênero, ainda me surpreendeu ver uma drag falar de política. Foi um soco no estômago da minha branquitude classe média..

De lá pra cá um mundo se abriu e virei consumidora de transcultura, na política, na sociologia, na arte, na educação de uma forma total.. até chegar ao ponto de me incomodar absurdamente essa postura social naturalizada da marginalização da identidade trans.

Sem dúvida o seu canal foi um divisor de águas na minha vida. Sou profundamente grata por esse start na minha posição nessa sociedade opressora.

[Mostrar menos](#)

4 Responder

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Quadro 3 – “Prints” dos comentários do vídeo 12.



@viniciusredini9223 há 3 anos

...É aprender a performar o que o padrão quer de você. Rita, você me fez chorar nesse vídeo, tocou lá dentro de uma forma que eu nem imaginava ser possível através de um vídeo no youtube.

1 Responder



@marijanobno há 3 anos

Esse vídeo é equivalente a 10 sessões de terapia pra quem é LGBTQAI+

21 Responder



@rogerdaniel2458 há 2 anos

Eu sou um homem hétero, mas sofri muito, muito bullying na escola por parecer ser gay, alem da pressão em casa. Por um tempo, eu tentei me transformar nessa expectativa externa, mas hoje, eu taco o foda-se em grande parte das situações e às vezes faço questão de parecer gay (pra provar pra todo mundo que não preciso provar nada pra ninguém)

3 Responder



@gabryelsylva7454 há 2 anos

Ritinha eu tenho um amigo ele saio do Nordeste como mulher trans a São Paulo e teve que volta a ser vestir como homem, pois não conseguia arrumar emprego.

Responder

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Os corpos dissidentes são frequentemente alvo de discursos de regulação e controle, como observado nos comentários do canal “Tempero Drag”, onde expressões corporais que desafiam a cismatividade e a heteronormatividade são criticadas. Pessoas que não se conformam a essas normas são vistas como dissidentes de gênero e/ou sexuais (Atlas da Violência, 2021). Essas críticas refletem o biopoder, conceito de Foucault (1979, 2014a, 2014b, 2020a, 2020b), que regula corpos para manter a ordem social, reforçando mecanismos de controle que buscam silenciar ou normalizar corpos que ameaçam as normas estabelecidas.

Os discursos sobre gênero nos comentários frequentemente revelam uma adesão rígida ao binarismo de gênero, que vê o masculino e o feminino como categorias fixas e mutuamente exclusivas. Esse binarismo desconsidera e deslegitima as identidades de gênero que não se encaixam nessas categorias, como as pessoas não-binárias, transgêneras e *queer*.

Comentários que insistem na naturalidade e imutabilidade do binarismo de gênero são problemáticos porque perpetuam a exclusão de identidades que desafiam essa dicotomia. Ao negar a diversidade de expressões de gênero, esses discursos reforçam uma visão reducionista e opressiva que desconsidera a complexidade e a pluralidade das experiências de gênero. A insistência em um binarismo rígido não só marginaliza pessoas que não se conformam a essas normas, mas também legitima práticas de discriminação e violência contra essas identidades.

No que diz respeito à sexualidade, os comentários no canal “Tempero Drag” frequentemente refletem uma heteronormatividade que posiciona a heterossexualidade como a norma socialmente aceita e superior. Esse posicionamento marginaliza e estigmatiza sexualidades que se afastam dessa norma, como as sexualidades homossexuais, bissexuais e pansexuais.

A heteronormatividade nos comentários se manifesta em tentativas de deslegitimar as sexualidades não heterossexuais como **desviantes** ou **anormais**. Esse discurso reforça uma estrutura

de poder que invisibiliza e desumaniza aqueles que não se conformam às expectativas heteronormativas. Além disso, essa marginalização contribui para a perpetuação de uma cultura de silêncio e vergonha em torno das sexualidades dissidentes, impedindo o reconhecimento e a aceitação plena dessas identidades.

Discursos racistas, identificados nos “prints”, promovem ideias de superioridade racial, sustentadas por preconceitos e estereótipos que legitimam a marginalização de grupos raciais. Van Dijk (2018) argumenta que o racismo discursivo naturaliza a desigualdade racial por meio da linguagem, frequentemente disfarçado em eufemismos, tornando-o menos evidente. Esse tipo de discurso é fruto do racismo estrutural, que, segundo Almeida (2019), é sistematicamente incorporado nas instituições sociais, afetando desproporcionalmente grupos marginalizados. O racismo estrutural transcende atitudes individuais, estando enraizado nas práticas cotidianas das instituições e sistemas sociais.

A crítica acadêmica a esses discursos é crucial para desconstruir as narrativas normativas que continuam a marginalizar e oprimir corpo(s), gênero(s) e sexualidade(s) que desafiam a ordem social hegemônica. É fundamental promover uma educação crítica que valorize a diversidade e a pluralidade das experiências humanas, reconhecendo e respeitando todas as formas de expressão de corpo, gênero e sexualidade (Butler, 2011, 2018; Foucault, 2020a, 2020b).

Essa desconstrução envolve o desafio às normas e estruturas que perpetuam a exclusão e a violência, bem como a promoção de espaços de diálogo e inclusão que possibilitem a expressão livre e segura das identidades dissidentes. Só assim será possível criar uma sociedade mais justa e equitativa, onde a diversidade seja celebrada e não reprimida.

6 LGBTFOBIA

De acordo com o Atlas da Violência 2024, produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), onde são analisados inúmeros indicadores para melhor compreender o processo de acentuada violência no país, verificou-se um importante aumento das mortes violentas por causa indeterminadas onde houve um expressivo número de violência contra a população LGBTQIAPN+ e de violência contra pessoas com deficiência (Atlas da Violência, 2024).

A violência contra pessoas LGBTQIAPN+ no Brasil é um fenômeno histórico que se manifesta tanto no plano simbólico quanto no corporal. Simbolicamente, essa violência perpetua a ideia de um modelo único de família nuclear, cis, heterossexual e biparental, apagando as diversidades sexuais e de gênero, enquanto estigmatiza LGBTQIAPN+ como desviantes, utilizando discursos morais, sociais, biológicos, religiosos e médicos. Corporalmente, a violência se materializa em formas como abandono,

“*estupros corretivos*²”, assassinatos e espancamentos. Essas violências, embora distintas, se sobrepõem com o objetivo de aniquilar, apagar e silenciar sexualidades e expressões de gênero dissidentes. Recentemente, essa violência tem sido intensificada pela ascensão de movimentos moralistas anti-LGBTQIAPN+, que operam sob a narrativa de suposta priorização da infância e da família (Atlas da Violência, 2021).

De acordo com o Observatório 2023 de Mortes Violentas de LGBTQIAPN+ no Brasil (Grupo Gay da Bahia, 2023), a cada 34 horas um LGBTQIAPN+ é assassinado ou se suicida devido à LGBTfobia, consolidando o Brasil como o país com o maior número de crimes contra minorias sexuais no mundo. Segundo agências internacionais de direitos humanos, o Brasil registra muito mais mortes de homossexuais e transexuais do que os 13 países do Oriente Médio e África onde a pena de morte ainda é aplicada a esse grupo. Mais da metade dos LGBTQIAPN+ assassinados no mundo são mortos no Brasil, com o Nordeste sendo a região mais perigosa, responsável por 36,57% das mortes. A Bahia é o estado nordestino mais letal, com 8,56% dos óbitos, apesar de ter uma população três vezes menor que a de São Paulo (Grupo Gay da Bahia, 2023).

As democracias enfrentam uma crise global marcada pela ascensão da extrema direita, pela erosão de espaços e discursos democráticos, e pela consolidação de retrocessos nos direitos e liberdades das populações subalternizadas. No Brasil, essa tendência global se manifestou com a eleição de Jair Bolsonaro, que paradoxalmente normalizou políticas e práticas antidemocráticas dentro do cenário democrático. Nos últimos anos, o país experimentou um desmonte e reconfiguração das políticas públicas, com impactos generalizados, mas que afetaram de forma desproporcional grupos vistos pela extrema direita como inimigos, incluindo pessoas negras, indígenas, povos tradicionais, mulheres e LGBTQIAPN+ (Atlas da Violência, 2024).

Como demonstrado nos **quadros 4, 5 e 6**, os comentários dos vídeos abordam a homofobia como uma forma de violência simbólica e discutem suas repercuções na saúde mental das pessoas que vivenciam essa violência. Eles evidenciam que os efeitos do preconceito contra a população LGBTQIAPN+ podem ser fatais, independentemente de a violência ser sutil ou hostil. A exposição constante a discursos homofóbicos está associada a elevados níveis de estresse, ansiedade, depressão e, em casos extremos, ao suicídio. A presença de tais discursos em um espaço virtual amplamente acessível agrava esses efeitos, tornando-se um ambiente hostil que impede a plena expressão e existência das pessoas LGBTQIAPN+. Comentários homofóbicos não apenas violam o direito à

² O **estupro corretivo** configura-se como um crime de ódio no qual uma pessoa sofre violência sexual em razão de sua orientação sexual ou identidade de gênero percebida. Pretende-se, segundo a alegação do autor da agressão, impor uma “correção” que leve a vítima à heterossexualidade, o que constitui grave violação da dignidade, da autonomia e da liberdade de identidade da pessoa (Barros, 2025).

dignidade e à igualdade, mas também criam um ambiente de medo e insegurança, onde as pessoas LGBTQIAPN+ são forçadas a enfrentar agressões constantes que podem ter consequências fatais.

Quadro 04 – “Prints” dos comentários dos vídeos 2, 3, e 12.

- A @anaomarmanjotratadoahormon8754 há 2 anos
@marcb.4401 , em tempos normais, um marmanjo que usa peruca e que se mete a coach, como o rapaz do vídeo, estaria vendendo produtos de O Boticário em um shopping.
- Mas a internet e a educação brasileira deficiente permitem esse tipo de gente ser YouTuber...
Mostrar menos
- Like Dislike Responder
- A @anaomarmanjotratadoahormon8754 há 2 anos
Tchecarosvik senmãe , você acredita que o rapaz que usa peruca no vídeo ajudará nisso? Sou homossexual e digo a você: seu pai ficará tão escandalizado com homem que usa peruca quanto eu.
- Like Dislike Responder
- A @anaomarmanjotratadoahormon8754 há 2 anos (editado)
@augustolourenco7623 , "pelo menos" o guru atual dela é um rapaz que usa peruca e veste roupa de mulher. Kkkkkkkkk
- Like 2 Dislike Responder
-  @ApenasUmCritico há 2 anos
@anaomarmanjotratadoahormon8754 Vamos por partes:
Ser gay não te dá carta livre para desrespeitar ninguém. Rita Von Hunty não é travesti, e sim Drag Queen, se você não sabe o mínimo da diferença entre gay, travesti e Drag Queen significa que você não fez seu dever de casa enquanto gay. Ideologias fazem parte da nossa vida, qualquer pessoa segue uma ideologia, seja ela qual for. Obviamente a dona Rita iria criticar o livre mercado e quem possui capital, ela é comunista. Não sei se você é de esquerda ou direita, mas pelo típico discurso presumo que seja de direita, que é algo a se pensar, tendo em vista que é gay, mas enfim, tem doido pra tudo nessa vida.
- Mostrar menos
- Like 2 Dislike Responder
-  @eliasteixeira216 há 3 anos
Pra vc existe cura também.
Creia.
- Like Dislike Responder

J

@josemoises3601 há 2 anos

Rita, Rito, Riltox, Riti, sei lá que porra é essa. Qual credibilidade?
Já é fake a existência dele, e não, não é mulher.



Responder

S

@sebastiaohenriqueissa223 há 1 ano

" Existe uma cura para os homossexuais " frase dita por Salvador Allend.



Responder

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Quadro 5 – “Prints” dos comentários dos vídeos 1, 4, 5, e 12.



@Eli-fz9to há 1 ano

Rita, você é muito necessária. Eu tinha uma amiga que por esse tema de Bolsonaro já não havia maneira de seguir com uma conversação sana. Um dia tentei falar para ela ouvir vídeos de pessoas que realmente sabem do que estão falando, ler livros para poder tirar as suas próprias conclusões e ela respondeu-me que se fosse vídeo de “essa gente que não são homens nem mulheres”, nem adiantava eu recomendar porque isso é uma aberração. Confesso que nesse momento senti uma espécie de tristeza e alívio, triste por existirem pessoas assim e alívio de não ser assim. Nunca mais falei com ela. Obrigado por seus ensinamentos, adoro fazer as minhas lições de casa e sobre seus vídeos serem largos, adoro ❤️

Mostrar menos



Responder



@soulbeliever02 há 3 anos (editado)

Uma vez no carnaval ocorreu um episódio onde quase mataram meu irmão por estar fantasiado de mulher. Episódio que eu nunca esqueci e passei a ter aversão ao costume de homens héteros se vestirem de mulher no carnaval. Estávamos nos divertindo e nos aproximamos de um grupo de homens héteros vestidos de mulher. Meu irmão fazia drag na época, então também estava vestido de mulher, como eles, só que com vestimenta um pouco mais elaborada. Quando eles perceberam que meu irmão era gay, começaram a fazer piadas e provocações que chegou ao ponto deles quererem bater no meu irmão por ser gay. Quebraram uma garrafa de vidro e foram todos pra cima dele na intenção de matá-lo, enquanto eu aos berros pedia socorro. Por sorte, meu irmão era grande e forte, conseguiu correr e pedir ajuda num condomínio. Nesse dia eu cheguei a conclusão que os héteros negam ao grupo lgbtqia+ o direito de sair maquiado na rua sem ser agredido ou virar chacota, é um direito que só eles podem usufruir.

Mostrar menos



Responder



@jacquelinesimoes78 há 3 anos

É isso: “é brincadeira porque não é com vocês”. A dor do outro pode não ser compreendida, mas ridicularizá-la ou minimizá-la é um ato covarde e cruel. Nós podemos ser melhores que isso. Obrigada, diva!



Responder



@valerioalexson9950 há 2 anos

Eu já fui homofóbico e tinha vários preconceitos. O conhecimento me fez uma pessoa livre e mais democrática. Parabéns pelo carnal Rita!!!



Responder



@rosanam.sanchez3987 há 2 anos

Fui de uma determinada igreja evangélica a mais de 20 anos, criei meus 4 filhos nessa igreja. Quando meu filho se revelou que era homossexual e a igreja percebeu logo o pastor disse que era pecado blá,bla,bla eu deixei a igreja pois se não aceitam meus filhos não me aceitam também.

848

Responder

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Quadro 6 – “Print” do comentário do vídeo 6.



@kaleosantos9128 há 3 anos (editado)

Sou um homem trans negro de 18 anos e faz um ano que me assumi. Eu pesquisava muito e me percebia sem disforia alguma com o meu corpo. A primeira pessoa pra quem contei (meu melhor amigo) respondeu "você vai fazer cirurgia?". Fiquei em choque, mas com o tempo me acostumei por ser a única coisa que todos mencionavam quando descobriam. Com o tempo me olhei menos no espelho e tirei menos fotos. Comecei a hormonização e meu próprio endocrinologista (um homem estudado e experiente com pessoas trans) disse que não vai me chamar de Kaleo porque "eu ainda sou muito garotinha". Não consegui responder. Diante de todas essas violências eu ficava em silêncio. Aí eu finalmente encontro grupos com pessoas como eu... mas tudo se repete. As únicas coisas discutidas são as cirurgias, as mudanças. Os homens trans reconhecidos e elogiados são todos iguais: brancos, musculosos, ricos, tinham 10 mil reais pra tirar os peitos, pipipi popopo. E eu sem dinheiro nenhum, quando deixaria de ser uma garotinha? Eles deixaram de ser um humano com dor e viraram metas, objetivos. Enfim, me isolei de todo mundo, não dava mais. Uma garota que eu tava muito apaixonado correspondeu o sentimento mas disse que tava confusa demais com tudo. Seria o corpo? A cor? A voz? O peito? Tudo se colapsa em ansiedade e desespero. Será que alguém assumiria uma pessoa desse jeito? Afinal, o mundo real é bem diferente das lacrações do twitter. É extremamente tóxico e eu não culpo a comunidade por isso. As vezes acabamos nos acostumando com a opressão e tortura, "um dia eu me encaixo". É tudo construído, a disforia, o constrangimento com sua própria existência e enfim. E para somar ainda tem o medo de ser reconhecido nos espaços: "mulher trans é morta ali", "homem trans é perseguido aqui".

Foi mal pelo desabafo grande, é só que caso você esteja em uma situação semelhante saiba que não está sozinhx. Sua carne é seu templo e sua história, tá na hora de começar essa intensa e poderosa jornada de se afirmar no próprio corpo.

Feliz mês do orgulho!

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

É essencial debater socialmente a homofobia, suas repercussões sociais e a importância de sua nomeação jurídica. Embora a nomeação não elimine o fenômeno, a **criminalização da homofobia** é crucial para o reconhecimento social da violência, responsabilização dos agressores, geração de dados oficiais e promoção de políticas públicas visando sua redução (Barreira; Maia, 2020).

Os discursos homofóbicos presentes nos comentários dos vídeos do canal “Tempero Drag” refletem uma prática social de violência simbólica que perpetua a marginalização e a opressão da população LGBTQIAPN+. Essa manifestação de homofobia não é apenas uma expressão individual

de preconceito, mas parte de um sistema mais amplo de dominação que reforça normas cisheteronormativas e contribui para a manutenção de estruturas de poder excludentes.

A homofobia, quando expressa em espaços públicos como os comentários de vídeos, exerce uma forma de violência simbólica que é profundamente perniciosa. Pierre Bourdieu (2019) define a **violência simbólica** como um poder exercido sobre os dominados com sua cumplicidade tácita, sendo invisível aos próprios olhos dos dominadores e dos dominados. No contexto dos comentários homofóbicos, essa violência é perpetuada ao naturalizar estereótipos negativos e ao invalidar as identidades e vivências LGBTQIAPN+. Esse tipo de discurso contribui para a marginalização social e a exclusão, reforçando um ciclo de opressão que afeta a saúde mental e o bem-estar da população LGBTQIAPN+.

Muitas vezes, os discursos homofóbicos são defendidos sob a bandeira da *"liberdade de expressão"*. No entanto, é crucial reconhecer que essa liberdade não é absoluta e que o direito à livre expressão deve ser equilibrado com o direito à dignidade e à não discriminação. Quando a liberdade de expressão é utilizada para perpetuar ódio e violência contra grupos marginalizados, ela se torna um **instrumento de opressão** e não de emancipação. Nesse sentido, a crítica aos discursos homofóbicos nos comentários dos vídeos do canal “Tempo Drag” é fundamental para desconstruir a falsa equivalência entre **liberdade de expressão e discurso de ódio**, promovendo uma compreensão mais profunda dos limites éticos e jurídicos da expressão pública.

6 HETEROCISNORMATIVIDADE E MISOGINIA

Os discursos de heterocisnatividade e misoginia presentes nos comentários dos vídeos do canal “Tempo Drag”, conforme demonstrado nos **quadros 7 e 8**, representam práticas discursivas que reforçam e perpetuam estruturas de poder opressivas, moldando a sociedade em torno de normas que marginalizam e violentam aqueles que se desviam dos padrões estabelecidos de gênero e sexualidade. Tais discursos são expressões de sistemas mais amplos de dominação que sustentam a discriminação e a exclusão, tanto das pessoas LGBTQIAPN+ quanto das mulheres.

Quadro 7 – “Prints” dos comentários dos vídeos 1, 5, e 13.



@jennisacessorios9237 há 1 ano

@daianekaroline3533 criadores do " kit gay" ahh tá . Agora vocês querem negar um FATO que foi FILMADO? A conferência em Brasília, ocasião em que um dos conferencistas faz piada sobre" A única dúvida da turma era até onde uma língua poderia entrar na outra boca num beijo lésbico." O kit gay existiu e foi amplamente noticiado! Vocês querem negar a realidade. Quem coordenou os trabalhos foi a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad), órgão ligado ao MEC.

[Mostrar menos](#)



2



[Responder](#)



@thisanx há 3 anos

27:10 "Se a gente não politiza o debate, a gente não faz o debate. A gente fica discutindo perfumaria"

Já gostei da Rita versão 2021



227



[Responder](#)



@psipriscillacarvalho há 3 anos

"A doença do outro te afeta, a ignorância do outro te afeta..."

(Ritinha em outro video)

Precisamos pensar coletivamente! ❤



25



[Responder](#)



@yarapatricio4432 há 2 anos

Rita, como mulher hétero e branca eu absorvo seus vídeos com preocupação e consciência do quanto eu era cega, preconceituosa e dominada. Obrigada!! Abrir nosso raciocínio para novas visões e estruturas de poder!



765



[Responder](#)



@kaizarchan há 3 anos

@jenifferalbuquerque4465 Sobre o fato de serdes mãe, a menos que tenham te estuprado, você foi mãe porque quis. Eu sei que deveria ser um direito de qualquer uma ter filho, mas tudo há consequências, ainda mais no nosso sistema.



2



[Responder](#)

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Quadro 8 – “Prints” dos comentários dos vídeos 12.



@MarcoAntonioAndre há 3 anos

Acho importante enxergarmos que todos nós temos preconceitos e precisamos urgentemente trabalhar isso.

4 Responder



@paularodrigues3463 há 3 anos

Excelente vídeo!

obs.: No momento que você falou sobre os testes aplicados e a pressão sobre os alunos, eu fiquei pensando " que tipo de pressão seria aplicada em um homem, branco e hétero?!"

2 Responder



@ilmasoares9209 há 3 anos

Que absurdo e profundo para análise esse comportamento de heteros!

Responder



@Thaiz_ há 3 anos

Que vídeo importante, a questão trazida sobre o crescimento de uma pessoa queer toca muito fundo e me lembra um outro post que vi um tempo atrás (mas infelizmente não me lembro onde), que dizia algo do tipo: "quando eu era criança eu sentia que não me encaixava, que em algum momento eu desenvolveria alguma anomalia e super poderes ou me descobriria algum tipo de mutante destinado a alguma aventura, mas na realidade eu só não era hétero/cis". A primeira vista eu não tinha reparado no peso disso, mas me lembro muito de sentir que não me encaixava em quaisquer grupos entre colegas e amigos, na adolescência eu achava que eu "não era como as outras garotas" (típico discurso cheio de misoginia internalizada). Agora na vida adulta e começo a me entender melhor como pessoa queer e percebo como esconder lados meus que podiam me constranger, ao longo da vida, me roubaram anos e experiências. Eu não conhecia esse conceito de imagens de controle, vou buscar estudar e entender. Muito obrigada pelo seu conteúdo!

Mostrar menos



@kathllenthais7402 há 3 anos

Eu sinto que não consegui ser contratada em lugar nenhum por isso. A sociedade exige que por sermos mulheres estejamos sempre bem maquiadas, com o cabelo bem arrumado. Além de eu não ser assim, ainda tem o fator que não acredito mais na minha capacidade, depois de quase 3 anos fora do mercado de trabalho, mesmo tendo apenas 23 anos, eu sinto que não dou conta de nada. E por isso falso miseravelmente nas entrevistas e nos teste que faço. Não sei como lidar com isso, só queria ficar bem e conseguir um emprego.

Mostrar menos

2 Responder

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A heterocisnatividade, como ideologia que privilegia e naturaliza a heterossexualidade e a cisgeneridade como normas universais e inquestionáveis, permeia os discursos encontrados nos

comentários dos vídeos do canal “Tempero Drag”. Esses discursos não só marginalizam as identidades LGBTQIAPN+, como também reforçam uma visão limitada e binária do gênero e da sexualidade, onde qualquer desvio da norma é visto como anormal, inferior ou ameaçador.

Os comentários que promovem essas normas nos vídeos do canal “Tempero Drag” são exemplos claros de como a heterocisnatividade é reproduzida e normalizada na esfera pública, muitas vezes mascarada como opiniões pessoais ou críticas culturais.

A misoginia, por sua vez, é outra força presente nos comentários dos vídeos do canal “Tempero Drag”, onde as mulheres, especialmente aquelas que desafiam as normas de gênero, são alvo de ataques que buscam reafirmar hierarquias patriarcas. Comentários misóginos frequentemente desvalorizam, ridicularizam ou atacam as mulheres com base em estereótipos de gênero, reforçando a ideia de que as mulheres devem ocupar posições subalternas na sociedade.

Esses discursos não são meramente expressões individuais de preconceito, mas fazem parte de uma estrutura sistêmica que visa manter as mulheres em posições de inferioridade. Ao atacar mulheres que se expressam de maneira independente ou que desafiam as normas de gênero, os comentários misóginos buscam reafirmar a dominação masculina e suprimir qualquer movimento em direção à igualdade de gênero.

A interseção entre heterocisnatividade e misoginia é particularmente evidente em comentários que atacam tanto as mulheres quanto as pessoas LGBTQIAPN+, reforçando uma visão de mundo que não apenas marginaliza, mas também hierarquiza as identidades de gênero e sexualidade. Essas práticas discursivas contribuem para a perpetuação da **violência estrutural** contra esses grupos, impedindo a construção de uma sociedade mais igualitária e inclusiva.

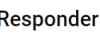
Além disso, a proliferação desses discursos em espaços públicos como plataformas de mídia social reforça a necessidade de políticas de moderação mais rigorosas e de uma abordagem educacional que promova a igualdade e o respeito às diferenças. O combate à heterocisnatividade e à misoginia exige não apenas a denúncia dessas práticas, mas também a promoção ativa de discursos que valorizem a diversidade de gênero e sexualidade e que promovam a igualdade de gênero.

7 CONTROLE DOS CORPOS E BIOPODER

Os discursos presentes nos comentários dos vídeos do canal “Tempero Drag”, conforme demonstrado nos **quadros 9, 10 e 11**, que abordam o controle dos corpos e o biopoder refletem a aplicação de práticas discursivas que perpetuam a normatização, a vigilância e a regulamentação das vidas e dos corpos que se desviam das normas sociais predominantes. Esses discursos são uma expressão concreta do biopoder, conforme conceituado por Michel Foucault (1979, 2014a, 2014b,

2020a, 2020b), e desempenham um papel central na manutenção de estruturas de poder que controlam e disciplinam corpos e subjetividades dissidentes.

Quadro 9 – “Prints” dos comentários dos vídeos 11, 12 e 13.

-  **@lucianovieiradossantos1476** há 3 anos (editado)
Me dá uma dó de quem fica dando ouvidos as ideias dessa Drag !
Deve dar uma frustração...
-    Responder
-  **@gabo3color** há 3 anos
Pra q esse sotaque falso ?
-    Responder
-  **@Tiago0289** há 3 anos
Quando adolescente, eu via os adultos passando o dia todo trabalhando e chegando em casa apenas para dormir e voltar ao trabalho. Eu pensava, que vida de merda, mas as pessoas me diziam que a vida era assim mesmo e quem não gosta de trabalhar é vagabundo... Hoje eu entendo que essas pessoas são escravas de um pensamento que foi introduzido em suas mentes.
-  665    Responder
-  **@srtasilva00** há 3 anos
Imagen de controle: desqualificar um discurso via o uso de estereótipo
-  28   Responder
-  **@tatianaduffrayer1156** há 3 anos
Não conhecia o termo "imagens de controle", gostei mesmo de saber como funciona, pois através dessas imagens introjetamos preconceitos sem nem saber o porquê.
-  17   Responder
-  **@paulobarroso2210** há 3 anos
Mamãe devia ser candidata a presidente desse país.
-  412   Responder
-  **@karolinesnowden3443** há 3 anos (editado)
Acho que nesse país preconceituoso, anticomunista, alienado dificilmente ela seria eleita.
-  5   Responder



@cardoso9676 há 3 anos (editado)

Me sinto muito representado. Eu sou motoboy, trabalho com aplicativo. Capitalismo de vigilância total!!! A empresa te controla o tempo todo. Pra ganhar corridas vc precisa ter um ritmo de horas online. Resumindo: ele te controla até nas quantidades de horas trabalhadas mas na hora de "assumir" o trabalhador ele "caí fora". Vc quem paga a gasolina, Internet, manutenção da moto... A bag pra carregar os lanches vc tem que comprar. Sou estudante de Geografia e atualmente (2anos rsrs) dependendo dos aplicativos pra pagar a faculdade e me sustentar.

[Mostrar menos](#)



3,4 mil



[Responder](#)



@lalapereira8361 há 3 anos

Home office: cortaram o Vale transporte ao invés de converterem em auxílio luz e internet. A luz dobrou e tive q aumentar a internet, que não dava conta do sistema da empresa e caía toda hora. Ainda querem colocar uma câmera dentro de casa, pra verem se é o próprio funcionário que está trabalhando. Aí, os inconscientes dizem "pelo menos vc não está desempregada". 😞



994



[Responder](#)



@leticiagabrielly3060 há 3 anos

isso é literalmente 1984 do orwell e meio vigiar e punir do foucault



6



[Responder](#)

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Quadro 10 – “Prints” dos comentários dos vídeos 12.



@Duracel169 há 3 anos

'Aprender a performar o que o padrão quer de vc'. Me arrepiei com essa frase. Salve a empatia!



5



[Responder](#)



@bafonbafon há 3 anos

Me fez chorar. E lembrar quantos anos eu precisei dentro de uma escola militar performar um papel exigido pela sociedade. 😢 😢 😢 😢 😢



69



[Responder](#)



@adonaysouza7455 há 3 anos

"Pessoas Queers não crescem como elas mesmas, nós crescemos interpretando uma versão de nós que sacrifica a nossa autenticidade para minimizar a humilhação e o preconceito. A tarefa maior de nossas vidas adultas é separar partes pertencem a nós mesmos e quais partes foram armaduras que nós vestimos para nos defender."



1



[Responder](#)



@Misdreecko há 2 anos

"Parte do processo de se tornar um adulto, uma adulta, de sobreviver, enquanto uma pessoa 'desviantes' do padrão é aprender a performar o que o padrão quer de você.

A gente chega as nossas vidas adultas com muita confusão sobre o que de quem a gente é agora é só um tipo de performance que a gente foi obrigado a fazer pra não perder emprego, não ser violentado em escola, pra não ser expulso de casa pela família.

Crescer uma pessoa queer, crescer uma pessoa preta, uma pessoa pobre, uma pessoa periférica, crescer um imigrante, crescer uma mulher, é saber desde pequeno o que significa imagem de controle, e que se você não se aproximar dela você pode não sobreviver o mês que vem."



@maihdantas há 2 anos

Escutar que nossa vida adulta é separar o que somos de quem aprendemos a ser, me doeu quanto mulher, bissexual e preta da periferia. São tantos "não faça isso" ou "não posso fazer isso para não sofrer aquilo" que aprendemos a ser mais um modelo do mesmo, do padrão, do que é "aceitável" e matamos a nossa autenticidade.

1 Responder



@iRSC95 há 3 anos

Eu também o/ Inclusive minha terapeuta falou algo parecido na sessão dessa semana. Performar uma feminilidade esperada pelos outros foi me destruindo por dentro, criou uma culpa enorme sobre minha lesbianidade e me fez acreditar que nunca vou ser digna de amor. Dói demais.

Responder

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Quadro 11 – “Prints” dos comentários dos vídeos 10 e 12.



@JansenVargasBio há 3 anos

“Eu vou tentar com muita paciência, porque eu acredito num projeto de educação”, eu todinho dando aula.

Hahahahahahahaha

768 Responder

23 respostas



@ARCADIO57 há 3 anos

Falar política dentro da aula é foda mano. As pessoas escolhem o que querem, liberdade é o começo ñ doutrinar crianças.

2 Responder



@brenoelizer7012 há 3 anos

"O país se constrói em cima de sangue, lágrima e suor de gente negra e indígena"
ISSO ME TOCOU MUITOOOO

1 mil

Responder



@gilmarb53 há 3 anos

Essa é a primeira vez que comento apesar de sempre acompanhar o canal e ser um aluno assíduo de dona Rita, mas agora, foi como se estivessem falando de mim e para mim. Preto, queer, periférico e pobre já me perdi várias vezes no personagem e fui vivendo um ano de cada vez para sobreviver. Hoje, beirando os 40, tento recolher os cacos do passado e remontar a pessoa que nasci para ser, muito já se perdeu, muita mágoa e cicatrizes na alma e no corpo moldaram um ser humano confuso. Chorei em saber que essa carga pesada não é culpa minha e que todo o sofrimento que me acometeu ao longo da vida me foi imposto e eu não tinha como me defender de outra forma. Sobrevivi até aqui e fico feliz em saber que existem pessoas engajadas em mudar esse sistema tão cruel e assassino. Muito obrigado dona Rita por dar voz a um sentimento que eu nem mesmo sabia que estava aqui, me despindo de algumas armaduras e vestindo outras, pois, a vida continua.

Mostrar menos



@GabrielaCamargoA há 3 anos

Eu chorei vendo esse vídeo! Estou em um processo tão grande de reavaliação do meu lugar enquanto mulher bissexual tida como masculina a vida inteira, que te ouvir falando tudo isso me tocou como em anos de estudo nada me tocou. A gente leva tempo, muito tempo, pra assumir nossas vulnerabilidades, pra assumir o quanto isso destrói a gente. Porque tem medo de que se assumir frágil leve a gente ao lugar que eles mais querem que a gente esteja: sob comando. Mas não... Assumir o quanto tudo isso nos destrói é o primeiro passo pra se reconstruir, pra tomar posse da gente mesmo.

Mostrar menos

Responder

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

O conceito de biopoder, conforme desenvolvido por Foucault (1979, 2014a, 2014b, 2020a, 2020b), refere-se às estratégias e mecanismos pelos quais as sociedades modernas exercem controle sobre a vida dos indivíduos, tanto no nível da população quanto no do corpo individual. Esse poder é exercido através de práticas que visam regular, normalizar e disciplinar corpos e comportamentos, com o objetivo de otimizar a vida e a saúde da população, mas também de excluir e marginalizar aqueles que não se conformam às normas estabelecidas.

Nos comentários dos vídeos do canal “Tempero Drag”, o biopoder se manifesta em discursos que promovem a vigilância e o controle sobre corpos que desafiam as normas de gênero e sexualidade. Comentários que condenam ou criticam as performances de gênero, as identidades não cisgêneras ou as expressões de sexualidade não heteronormativas exemplificam a tentativa de impor uma

conformidade às normas biopolíticas que definem o que é considerado "*natural*" ou "*normal*". Esses discursos buscam **disciplinar corpos dissidentes**, reforçando uma estrutura de poder que legitima a violência simbólica e material contra esses corpos.

Os comentários que expressam controle sobre os corpos revelam uma forte tendência à normalização, onde o que é visto como desviante ou anômalo é alvo de correção ou exclusão. Essa normalização é uma forma de violência simbólica que opera através da imposição de padrões hegemônicos de gênero e sexualidade, deslegitimando e marginalizando qualquer expressão que não se encaixe nesses padrões.

A tentativa de controlar os corpos dissidentes, como evidenciado nos comentários, é uma manifestação do biopoder que busca regular a diversidade humana através da exclusão daqueles que não se conformam. Isso se traduz em discursos que promovem a patologização de identidades trans, a invisibilização das sexualidades não normativas e a imposição de uma moralidade heterocisnormativa. Tais discursos não apenas excluem, mas também justificam a violência contra esses corpos, que são vistos como ameaças à ordem social e moral estabelecida.

Os discursos de controle dos corpos e biopoder nos comentários do canal “Tempero Drag” têm implicações éticas e políticas profundas. Eles refletem e reforçam uma cultura de controle que nega a autonomia e a dignidade das pessoas LGBTQIAPN+, tratando seus corpos como objetos de regulação e disciplinamento. Essa negação da autonomia e da diversidade é uma forma de desumanização que perpetua a violência estrutural e institucional contra esses grupos.

Além disso, a presença de tais discursos em plataformas públicas de mídia social contribui para a manutenção de uma **cultura de vigilância e controle** que limita a liberdade de expressão e a auto-identificação de indivíduos que desafiam as normas sociais hegemônicas. Esse controle é exercido não apenas através de discursos explícitos de ódio, mas também através de comentários aparentemente neutros ou "*preocupados*" que, de fato, funcionam como mecanismos de normalização e exclusão.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre as conclusões do artigo sobre como as performances corporais e discursivas de Rita Von Hunty no canal “Tempero Drag” impactam a percepção dos usuários, destacamos que é a boa quantidade de comentários dos seguidores do canal nos vídeos estudados, além de elogios dos usuários sobre a sua capacidade de transformar tópicos difíceis em conteúdo compreensível, o que tem aumentado a conscientização social e o engajamento cívico entre os espectadores.

A segunda conclusão é que os vídeos de Rita Von Hunty têm inspirado muitos espectadores a buscar mais conhecimento e a se engajarem em discussões críticas sobre a sociedade. Os comentários

frequentemente destacam como suas performances e discursos motivam as pessoas a refletirem sobre suas próprias vidas e o mundo ao seu redor.

A terceira conclusão é que os discursos presentes nos comentários, tanto de apoio quanto de crítica, refletem as tensões sociais sobre diversidade, controle dos corpos e poder. Além disso, a pesquisa evidencia que a plataforma YouTube se consolida como um espaço de disputa política e cultural, onde as discussões sobre gênero e sexualidade são centrais. O estudo ressalta a necessidade de uma educação crítica e inclusiva que desconstrua discursos de exclusão e promova o respeito à pluralidade das experiências humanas.

Outra conclusão é que a pesquisa reforça a relevância de estudos sobre cibercultura e pedagogias culturais, sublinhando a urgência de enfrentar discursos discriminatórios, como LGBTfobia e misoginia, e de criar espaços que valorizem a diversidade de expressões de gênero e sexualidade.

Por fim, o estudo indica que as plataformas digitais, como o YouTube, têm uma responsabilidade social significativa em monitorar e moderar os conteúdos gerados por usuários, especialmente quando esses conteúdos perpetuam violência simbólica e discursos de ódio. A presença de comentários homofóbicos, transfóbicos, misóginos, racistas, preconceituosos nos vídeos do canal “Tempo Drag” evidencia uma falha na moderação eficaz desses conteúdos, o que contribui para a normalização da homofobia, transfobia, misoginia, racismo e do preconceito *on-line*. Há uma necessidade urgente de políticas mais rigorosas de moderação e de mecanismos que promovam uma cultura de respeito e inclusão nas plataformas digitais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. de. Racismo Estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro, 2019.

ATLAS DA VIOLÊNCIA. Atlas da Violência 2021. Disponível em:
<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/12/atlas-violencia-2021-v7.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2024.

ATLAS DA VIOLÊNCIA. Atlas da Violência 2024. Disponível em:
<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/7868-atlas-violencia-2024-v11.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2024.

BARREIRA, M. M. L.; MAIA, L. M. Ciberativismo LGBTQIA+ no Youtube: Pautas, estratégias e motivações para ação. Revista de Psicologia da IMED, v. 12, n. 2, p. 38-57, 2020. Disponível em: <https://seer.atus.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/3547>. Acesso em: 11 jul. 2024

BARENDT, E. What is the harm of hate speech?. Ethical Theory and Moral Practice, v. 22, p. 539-553, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10677-019-10002-0>. Disponível em:
<https://link.springer.com/article/10.1007/s10677-019-10002-0>. Acesso em: 31 jul. 2024.

BARROS, A. K. de. Heterossexismo, patriarcado e estupro corretivo de mulheres lésbicas. COR LGBTQIA+, v. 2, n. 8, p. 120–134, 2025. Disponível em:
<https://revistas.ceeinter.com.br/CORLGBTI/article/view/1348>. Acesso em: 29 set. 2025.

BOURDIEU, P. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

BUTLER, J. Actos performativos e constituição de gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: Macedo, A; Rayner, F. (Org.). Gênero, cultura visual e performance. Antologia crítica. Universidade do Minho/Húmus, pp. 69-88., 2011. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/elbc/a/ChZ7knwZx6T4XcVwdNYhJ8t/?lang=pt&format=html&stop=next>. Acesso em: 14 mar. 2023.

BUTLER, J. Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade. Editora José Olympio, 2018.

CASTRO, R. P. de; COURA, A. C. Em tempos de conservadorismo: pensar relações entre o “escola sem partido” e as questões de gênero e sexualidade nas escolas. Horizontes, v. 40, n. 1, p. e022026-e022026, 2022. DOI: <https://doi.org/10.24933/horizontes.v40i1.1320>. Disponível em:
<https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/1320>. Acesso em: 31 jul. 2024.

CORUJA, P. Públco: a audiênciça performática em caixas de comentários no YouTube. RuMoRes, v. 14, n. 28, p. 309-333, 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-677X.rum.2020.170098>. Disponível em: <https://revistas.usp.br/Rumores/article/view/170098>. Acesso em: 11 jul. 2024.

COUTO, E. S.; SOUZA, J. D. F. de; NASCIMENTO, S. P. Grindr e Scruff: amor e sexo na cibercultura. Simsocial, Salvador, 2013. Disponível em: https://gitsufba.net/anais/wp-content/uploads/2013/09/13n1_grindr_49464.pdf. Acesso em: 11 jul. 2024.

FOUCAULT, M. Microfísica do poder. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, M. A ordem do discurso. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014a.

FOUCAULT, M. Vigiar e punir: nascimento da prisão. São Paulo: Vozes, 2014b.

FOUCAULT, M. A história da sexualidade 1: a vontade de saber. São Paulo: Paz e Terra, 2020a.

FOUCAULT, M. A história da sexualidade 4: as confissões da carne. São Paulo: Paz e Terra, 2020b.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2022.

GRUPO GAY DA BAHIA. Observatório 2023 de Mortes Violentas de LGBTQIAPN+ no Brasil. 2023. Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/wp-content/uploads/bsk-pdf-manager/2024/02/observatorio-2023-de-mortes-violentas-de-lgbt-1.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2024.

HALL, S. Cultural Studies 1983: A Theoretical History. Edited by Jennifer Daryl Slack and Lawrence Grossberg, Duke University Press, 2016. JSTOR, DOI: <https://doi.org/10.2307/j.ctv11cw8wg>. Disponível em: <https://chooser.crossref.org/?doi=10.2307%2Fj.ctv11cw8wg>. Acesso em: 4 set. 2024.

HUNTER, J. D.; ZANON, C. A guerra cultural contínua. Políticas Culturais em Revista, v. 15, n. 1, p. 22-62, 2022. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/21aa/df91c132ac3856cea7c7ceee7c1ec3e786f.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2024.

JOHNSON, T. Pesquisa Social Mediada por Computador: questões, metodologia e técnicas qualitativas. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

LÉVY, P. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, D. M.; COUTO, E. S.; SILVA, P. Manda nudes: Pedagogias sexuais no Grindr. ARTEFACTUM-Revista de estudos em Linguagens e Tecnologia, v. 19, n. 1, 2020. Disponível em: <https://www.artefactumjournal.com/index.php/artefactum/article/view/1843>. Acesso em: 11 jul. 2024.

MARIETTO, M. L. Observação participante e não participante: contextualização teórica e sugestão de roteiro para aplicação dos métodos. Revista Ibero Americana de Estratégia, v. 17, n. 4, p. 05-18, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5585/ijsm.v17i4.2717>. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3312/331259758002/331259758002.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2023.

MCKEIL, A. Hegemonic orders and the idea of history. International Politics, p. 1-14, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1057/s41311-023-00514-z>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1057/s41311-023-00514-z>. Acesso em: 31 jul. 2024.

MELO, C. T. V. de; VAZ, P. Guerras Culturais: conceito e trajetória. Revista Eco-Pós, v. 24, n. 2, p. 6-40, 2021. DOI: <https://doi.org/10.29146/ecopos.v24i2.27791>. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27791. Acesso em: 31 jul. 2024.

MINAYO, M. C. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. Revista Pesquisa Qualitativa. São Paulo (SP), v.5, n. 7, p. 01-12, abr. 2017. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/82/59>. Acesso em: 07 ago 2022.

MORAES, A. L. C. A análise cultural: um método de procedimentos em pesquisas. Questões Transversais: Revista de Epistemologias da Comunicação, São Leopoldo, v. 4, n. 7, p. 28-36, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/12490>. Acesso em: 24 nov. 2023.

PORTE, C. de M. et al. Pesquisa e mobilidade na cibercultura: itinerâncias docentes. Salvador: EDUFBA, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/19293>. Acesso em: 11 jul. 2024.

PUKALLUS, S.; ARTHUR, C. Combating Hate Speech on Social Media: Applying Targeted Regulation, Developing Civil-Communicative Skills and Utilising Local Evidence-Based Anti-Hate Speech Interventions. Journalism and Media, v. 5, n. 2, p. 467-484, 2024. DOI: <https://doi.org/10.3390/journalmedia5020031>. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2673-5172/5/2/31>. Acesso em: 31 jul. 2024.

REZENDE, F.; OSTERMANN, F. Hegemonic and counter-hegemonic discourses in science education scholarship from the perspective of post-critical curricular theories. Cultural Studies of Science Education, v. 15, p. 1047-1065, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11422-019-09969-0>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11422-019-09969-0>. Acesso em: 31 jul. 2024.

ROCHA, J. C. de C. Bolsonarismo: Da guerra cultural ao terrorismo doméstico: Retórica do ódio e dissonância cognitiva coletiva. Autêntica Editora, 2023.

SIDKY, H. The war on science, anti-intellectualism, and ‘alternative ways of knowing’ in 21st-century America. Unreason: Best of Skeptical Inquirer, p. 49, 2023.

SILVA, A. V. A. da. Nas margens, currículos com gêneros e sexualidades: uma leitura a partir dos anos finais do ensino fundamental em escolas estaduais de Campina Grande-PB. 2021. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/22432>. Acesso em: 28 set. 2023.

SILVEIRA, C. da C.; MEYER, D. E. E.; FÉLIX, J. A generificação da intersetorialidade no Programa Saúde na Escola. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 100, n. 255, p. 423-442, 2019. DOI: <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.100i255.3807>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/QsFK3V7H56XL7rBKK7RcRsf/?lang=pt>. Acesso em: 28 set. 2023.

SOUZA, J. D. F. de; COUTO, E. S. “Pedagogias de memes no Instagram”. Memes e Educação Na Cibercultura, edited by Kaio Eduardo Oliveira et al., NED-New edition, SciELO – Editus - Editora da UESC, 2022, pp. 93–111. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/10.7476/9786586213911.9>. Acesso em: 11 jul. 2024.

SOUZA, F. T. de. O crepúsculo da democracia liberal no Brasil: ascenção e legado do populismo reacionário no governo Bolsonaro (2019-2022). Em Tese, v. 20, n. 02, p. 481-488, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5007/1806-5023.2023.e96117>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/96117>. Acesso em: 31 jul. 2024.

VAN DIJK, T. A. *Discurso e Racismo*. São Paulo: Contexto, 2018.

VELHO, R. M.; MENDES, A. M. F.; AZEVEDO, C. L. N. Communicating science with YouTube videos: How nine factors relate to and affect video views. *Frontiers in Communication*, v. 5, p. 567606, 2020. DOI: <https://doi.org/10.3389/fcomm.2020.567606>. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/journals/communication/articles/10.3389/fcomm.2020.567606/full>. Acesso em: 31 jul. 2024.

TEMPERO DRAG. *Tempero Drag*. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/TemperoDrag>. Acesso em: 31 jul. 2024.

THOMPSON, R. J. *Anti-intellectualism to Anti-rationalism to Post-truth Era: The Challenges for Higher Education*. Rowman & Littlefield, 2022.

WILLIAMS, R. *Cultura e sociedade: de Coleridge a Orwell*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.